

CHEGANÇA DOS MOUROS – A BARCA NOVA: UMA MANIFESTAÇÃO CULTURAL DRAMÁTICA PORTUGUESA

Angélica Maria da Silva*

Resumo: *O meu objeto de investigação é a CHEGANÇA DOS MOUROS – A BARCA NOVA: UMA MANIFESTAÇÃO CULTURAL DRAMÁTICA PORTUGUESA. É uma dramatização das lutas trágicas marítimas vividas pelos portugueses. Seus integrantes, em sua maioria, são negros e mestiços, pescadores da pequena cidade de Saubara, a 100km de Salvador. Essa manifestação representa também a velha contenda entre mouros e cristãos, a vitória das armas sobre o mouro invasor, do catolicismo sobre o islamismo do mouro considerado infiel. Objetivo dar visibilidade a essa manifestação na escola de ensino fundamental e médio do município, tendo em vista a importância das manifestações culturais regionais para a construção da identidade cultural das crianças e jovens. Através de uma abordagem qualitativa (entrevista aberta) pretendo desenvolver uma coleta de dados relativos à origem e importância dessa manifestação para a comunidade saubarense.*

Palavras-chave: História, Memória, Cultura, Identidade

Investigar a Chegança dos Mouros – A Barca Nova do Município de Saubara, no Recôncavo Bahiano, localizado a 100km de Salvador, sua origem, quando e como essa manifestação chegou àquela região, qual o seu significado para a sua comunidade, tudo isso é um trabalho que diz respeito não apenas à história, cultura e identidade local, mas essencialmente um trabalho de memória.

Em 1957 a única via de acesso à Saubara era o mar. Foi nesse ano que a conheci. A Saubara tão falada por meu pai. Viajamos para lá de barco a vela. Felizmente o tempo estava lindo. Sol aberto e muito vento. O único problema era que o barco não atracava na praia, pois a mesma era mangue. Tivemos que passar do barco para uma “catraia”, espécie de embarcação bem estreita, onde todos se acomodavam em pé para a mesma não virar. Após um certo trecho, tínhamos que desembarcar e enfiar os pés no mangue. As senhoras mais idosas eram carregadas por pescadores mais fortes até a margem. Depois andamos por toda a estrada do Porto até o centro. Passamos pelas Salinas, que hoje já não existe. O que mais me admirava era que todas as pessoas que estavam às janelas, cumprimentavam meu pai.

Infelizmente a viagem de volta não fora tão boa. A volta era sempre à noite, com as ondas muito negras. O barco tinha um cheiro muito forte de camarão. Chovera e os pescadores vestiram seus casacos grossos, pretos, longos até os pés. Quem sentia enjô subia do interior do barco para a proa. Até chegar a Salvador, a noite parecia mais longa que as demais.

Dessa minha primeira saída de Salvador para conhecer uma então Vila, tão humilde, o mais importante que aconteceu ficara gravado em minha memória para sempre: a apresentação da Chegança dos Mouros. Era criança, não entendia o significado daquele grupo vestido de marinheiros, entre os quais três destacavam-se vestidos de vermelho. Uma coisa, porém, eu entendi: as músicas que eles cantavam eram as mesmas que eu sempre ouvira meu pai cantar em casa, nos seus dias de folga, com sua voz de pouco alcance, porém afinada.

A contemporaneidade acarretou grandes perdas das tradições populares, especialmente na zona rural, onde um número cada vez maior de jovens mobilizaram-se para as capitais na

* Licenciada em Desenho e Plástica pela Escola de Belas Artes da UFBA, mestranda do Curso de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade do Departamento de Educação da UNEB, Campus I, Linha de Pesquisa: Processos Civilizatórios: educação, memória e pluralidade cultural.

esperança de melhores condições de trabalho ou para prestarem exames vestibular. Manifestações populares tradicionais como ternos de reis, bailes pastoris, comédias, reisados foram ficando cada vez mais raras. Houve, porém, algumas exceções, como por exemplo na então Vila de Saubara, que emancipou-se em 13 de junho de 1995. Dentre tantas manifestações que perderam-se com o tempo, existe uma que surpreendentemente resistiu às dificuldades e se mantém até os dias atuais: a Chegança dos Mouros – A Barca Nova,

O meu interesse por essa manifestação manteve-se e aumentou à medida que, depois de adulta, voltei por diversas vezes à Saubara nas comemorações ao padroeiro da cidade, São Domingos de Gusmão, no mês de agosto, e assisti às apresentações. Descobri que na cidade existiam duas cheganças: a Fragata Brasileira e a Chegança dos Mouros – a Barca Nova, porém esta última foi a que elegi, para objeto de minha investigação.

Mário de Andrade, em suas pesquisas sobre as manifestações populares em todo o Brasil, disse sobre a *chegança*:

Chego mesmo a afirmar que é justamente nestas duas danças dramáticas brasileiras, intituladas por Silvio Romero “Chegança de Mouros” e “Chegança de Marujos”, que os trabalhos do mar português e as lutas contra o Infiel tiveram a sua mais notável, mais bela e profunda celebração popular. Foi a gente brasileira que, reunindo e amalgamando um mundo de tradições diversas aqui chegadas, fez nestes dois bailados a rapsódia mais admirável que jamais cantou o ódio ao infiel e os trabalhos do mar. (ANDRADE, 1982, p.94)

A chegança dos Mouros – A Barca Nova, apesar das intempéries da vida, do preconceito da classe média, que prioriza a filarmônica local, apesar da indiferença da sua importância pelas autoridades locais, continua resistindo e apresenta-se, mesmo esporadicamente, nas festas do ciclo natalino e na festa ao padroeiro da cidade, São Domingos de Gusmão.

Suponho que a indiferença a essa manifestação se deve ao fato de o grupo ser formado por pessoas muito simples, pescadores em sua maioria, residentes na Rocinha, zona periférica de Saubara. Anteriormente predominava no grupo pessoas da raça negra, atualmente foram agregados jovens mestiços. A outra chegança, a “Fragata Brasileira”, é mais aceita pela classe média da comunidade, pois seus integrantes são moradores de ruas mais perto do centro.

Sobre o preconceito contra manifestações populares, Juana Elbein Santos afirma:

A idéia preconcebida de que a civilização Ocidental destruiu toda a criatividade dos outros povos nos confronta, apesar de tudo, com manifestações de grande impacto que preconceituosamente são chamadas de arte arcaica ou produção folclórica, repetindo-se na mesmice. (SANTOS, 2002)

A chegança dos Mouros – A Barca Nova, praticamente ressurgiu das cinzas, pois após quase vinte anos, voltou a apresentar-se na festa do Dia de Reis, em janeiro de 1957. A última vez anterior a essa data, foi em agosto de 1939, na festa do padroeiro de Saubara.

Nelson de Araújo, em sua obra *Pequenos Mundos*, afirma:

Saubara pode ser considerada, em muitos aspectos “o coração do Recôncavo”. Assim será vista à luz da resistência que opôs a uma cultura em armas, teimosa em sobreviver, a dos portugueses de Madeira. Não será por menos que merecerá esse título, se for vista a outra luz, a da resistência que continua oferecendo aos assaltos da cultura metropolitana e transnacional, que já minou muito do solo do Recôncavo. Duas resistências que muito ficaram - e ficam – a da parcela negra na sua população de cerca de 8.000 habitantes. (ARAÚJO, 1986, p. 34)

A respeito dessa resistência negra, Juana Elbein Santos afirma:

Bumba-meu-boi, afoxé, escola de samba, cavaladas e muitas outras instituições de caráter lúdico mapeam todo território brasileiro, em cujo bojo a memória dos princípios inaugurais africanos se recria; emergindo de seus locais institucionais, ocupam ruas, avenidas, largos e espaços públicos em uma afirmativa demonstração existencial (SANTOS, 2002)

A classe média da cidade não se integra ao grupo, prioriza a filarmônica local. Um exemplo desse fato é o Sr. Domingos Mendes da Silva, hoje com oitenta e dois anos. Participou pela primeira vez da chegada aos doze anos. Aos quatorze anos saiu da chegada para integrar-se à filarmônica e aprender música com um alemão, Luiz Bermanni, que residiu com sua família em Saubara por dez anos. A cultura européia foi mais importante não só para “seu” Domingos, mas também para outros jovens que não participaram sequer uma vez da chegada.

Para “seu” Domingos a filarmônica não lhe oferecia apenas a possibilidade de desenvolver o seu talento musical, o status de tocar um instrumento através de partitura, mas, também, um meio de sobrevivência, a garantia de um salário, mobilidade social. Foi contratado depois para receber um salário mensal de quatrocentos mil réis. Essa importância era paga pelo Sr. Ananias Requião, um dos associados da Filarmônica e dono de terras em Saubara. Na época, os associados costumavam pagar um salário, quando os adolescentes já estavam aptos a integrar a filarmônica, como um incentivo. “Seu” Domingos aposentou-se como músico aos 80 anos, em 2003. Os jovens que não tiveram acesso à filarmônica, posteriormente aposentaram-se pelo FUNRURAL, como pescadores ou como marisqueiros.

Atualmente, jovens saubarenses que optaram pelo ingresso na filarmônica, estão ingressando nas bandas da polícia militar, do exército ou bandas particulares, devido ao conhecimento musical adquirido naquela agremiação.

Essa é uma realidade comentada por Sodré quando o mesmo afirma:

À luz da dominação globalizante, o culturalismo é geralmente um novo meio de administração das diferenças socioeconômicas e de ocultação de problemas de sobrevivência das populações, às quais está negado em princípio o acesso às benesses materiais da universalidade. (SODRÉ, 1999, p.19)

A Chegança dos Mouros – A Barca Nova é uma dramatização das lutas trágicas marítimas vividas pelos portugueses. É cantada por homens simples, em sua maioria pescadores, negros e mestiços que interpretam poemas épicos de lágrima, de fase tão longínqua, mas por mais surpreendente que possa parecer, continua viva na alma dessa gente.

Essa manifestação representa também a velha contenda entre mouros e cristãos, a vitória das armas sobre o mouro invasor, do catolicismo romano sobre o islamismo do mouro considerado o infiel. Tudo isto é apresentado em forma de dramatização, pelas ruas de Saubara.

Alceu Maynard Araújo (1964), juntando-se a tantos outros pesquisadores, confirma a controvérsia sobre a origem desse bailado popular, mas ao mesmo tempo levanta hipótese do mesmo ser de origem portuguesa, devido ao bailado ser conhecido do nordeste ao sul do Brasil, em decorrência da unidade que o português imprimiu ao nosso país. Todo o povo brasileiro fala uma única língua. O pesquisador ressalta também que a marujada é guardadora de modismos que lembram a linguagem de Gil Vicente no “Auto da Barca do Inferno”, como o “oula da marujada”, vocativo usado no início de cada uma das “partes” para chamar a atenção dos participantes do auto popular.

No território brasileiro, a chegada recebeu diferentes denominações: marujada, nau catarineta, barca, barquinha, fandango, fragata. Em Saubara existe a Chegança dos Mouros – A Barca Nova, objeto da minha investigação, e a Fragata Brasileira. Ambas sobrevivem até os nossos dias, apesar do processo de aculturação causado pela mídia televisiva. Esta última é da

Rua da Boca da Mata, perto do centro de Saubara, apresenta-se com mais frequência, tem uma melhor estrutura organizacional, tem uma sede própria e frequentemente recebe convites para apresentar-se fora de Saubara. A Chegança dos Mouros é da Rocinha, zona periférica de Saubara, não tem condições de apresentar-se todos os anos na festa de São Domingos, nem nas festas do ciclo natalino. Suas apresentações são esporádicas, não recebe convites para apresentações externas e percebi que a mesma é menos aceita pela comunidade do centro de Saubara.

A cultura de massas impõe, em grande parte, valores culturais exógenos, sem que os jovens tenham sedimentado os valores culturais da sua região e nação. Em Saubara não é diferente. O processo de massificação cultural foi aos poucos tomando maiores proporções. Na sociedade contemporânea, a cultura de massas, há mais de quarenta anos, vem exercendo um poder dominante sobre nossos jovens a ponto de anular literalmente todo vislumbre de uma cultura tradicional, tão rica em diversidade e curiosidades de nosso país.

Não pretendo sugerir que a cultura deva permanecer estagnada para se manter. A cultura deve ser renovada. Apesar de que isso me faz lembrar que o candomblé, para se legitimar como religião, não permitiu que influências com tendências modernistas fossem nele introduzidas.

Arendt, em sua obra “Entre o Passado e o Futuro”, expõe a preocupação cada vez maior entre os intelectuais com esse fenômeno relativamente novo da cultura de massa. A sua previsão é que, se a cultura de massas inevitavelmente é a cultura de uma sociedade de massas, gostemos ou não irá continuar conosco no futuro previsível.

A questão da cultura de massas desperta, antes de mais nada, um outro problema mais fundamental, o do relacionamento altamente problemático entre sociedade e cultura. Basta que recordemos até que ponto todo movimento da arte moderna partiu de uma veemente rebelião do artista contra a sociedade como tal (e não contra uma sociedade de massas ainda desconhecida) para que tomemos consciência do quanto esse relacionamento inicial deve ter deixado a desejar, acautelando-nos assim contra o anelo fácil de tantos críticos da cultura de massas por uma Idade do Ouro de uma sociedade boa e educada (ARENDDT, 2001, p. 249)

A avassaladora influência da cultura de massa impõe, em grande parte, valores exógenos entre crianças e jovens, sem que os jovens tenham sedimentado os valores culturais da sua região e nação. Isto contribui para a indiferença dos mesmos, diante de uma manifestação tradicional centenária e de marca identitária local. O processo de massificação cultural foi aos poucos tomando maiores proporções. Na sociedade contemporânea, a cultura de massa há mais de quarenta anos vem exercendo um poder dominante sobre nossos jovens, a ponto de anular literalmente todo vislumbre de uma cultura tradicional, tão rica em diversidade e curiosidades de nosso país.

O Sr. Marcos Batista Neto é conhecido em toda a Saubara por Marcolino, pai de Dina (Dinalva de Jesus), moça que vende na feira de Terra Nova, fina rendeira e que ainda vende moqueca de chumbinho aos domingos na praia de Cabuçu. “Seu” Marcolino é uma pessoa muito conhecida porque completou cem anos de idade no dia vinte e sete de julho de 2005.

Ele lembra perfeitamente que nunca participou da Chegança dos Mouros e sim da Marujada da Boca da Mata, cujo capitão era Marcelino. Quando o mesmo diz Marujada, está se referindo à outra chegança existente no município, a Fragata Brasileira. Lembra que seu companheiro Onésio Marcelino também participava da Fragata Brasileira e ensaia um canto da mesma com a voz trêmula: O sino dessa matriz. Mas a voz embarga-lhe, emocionado pela lembrança e não continua:

A memória é essa reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade de nossa experiência adquirida. (Bossi, 1994, p.47)

O velho carrega em si mais fortemente, tanto a possibilidade de evocar quanto o mecanismo da memória. (Bossi, 1994; 49).

Uma outra lembrança marcante está em sua memória: a visita da Chegança de Mar Grande a Saubara no dia da festa ao santo padroeiro local, São Domingos de Gusmão, embora não recorde o ano:

“A Chegança de Mar Grande chamava-se Chegança do jegue. *Só tinha negros*. A roupa era toda branca. Ela chegou primeiro, tomou a frente e bateu na Fragata Brasileira”. Isto significa que as músicas que a Fragata Brasileira iria cantar foram cantadas primeiro pela Chegança de Mar Grande, logo não teve graça a Fragata repetir as mesmas músicas.

Outra afirmativa sua: a Marujada sabia mais versos do que a Chegança dos Mouros.

Em Saubara é muito comum as pessoas terem preferências bem diferenciadas e defenderem-na arduamente. Lá eles chamam essa preferência de “partido”. É muito evidente a preferência da classe média da comunidade pela Fragata Brasileira, uma vez que seus participantes, em sua maioria, residem em ruas mais próximas do centro de Saubara e parecem ser de famílias menos pobres do que as dos participantes da Chegança dos Mouros. Além disso são de famílias que freqüentam a Igreja Católica. Os adeptos da Chegança dos Mouros residem na Rocinha, área mais afastada do centro e em ruas bem periféricas e têm o hábito de ingerir bebidas alcoólicas. O que se percebe, mesmo sutilmente, é uma discriminação por esse grupo.

Sobre a resistência na aceitação das diferenças, Sodré afirma:

A diferença não é um ponto de partida, mas de chegada – ponto de partida são as possibilidades concretas de diferenciação. Deste modo, a discriminação será o não reconhecimento da exclusão do outro nos percalços da diferenciação, ou seja, do movimento complexo dentro do estatuto da identidade. A verdade, enquanto identidade do mesmo, resulta da discriminação. (SODRÉ, 1999, p.15)

Objetivo com essa investigação identificar e expandir para a comunidade, o referencial histórico da manifestação cultural Chegança dos Mouros – A Barca Nova; desenvolver o reconhecimento pelos jovens e adultos da região do seu valor cultural, para que os mesmos a divulguem e a valorizem; evidenciar para o professor de Ensino Básico o rico material literário das Cheganças, promovendo-o na atividade pedagógica para o ensino fundamental e médio das escolas do município de Saubara. Se a característica básica da cultura é seu caráter simbólico, a escola de ensino fundamental deve ter como um dos seus objetivos primordiais a preservação desses símbolos, pois é essa propriedade da cultura (simbólica) que a faz ser transmitida e social.

Estou também investigando, com essa pesquisa, como a manifestação cultural dramática chegou a Saubara. A sua influência sobre a comunidade negra. Os entraves que dificultaram a sua continuidade. Por outro lado, tenho como pressuposto que o desconhecimento da origem da manifestação pela comunidade é um elemento causador da solução de continuidade que a mesma sofreu, bem como o desinteresse que os jovens da região, em grande parte, têm pela mesma.

Conforme publicação, pelo jornalista Gilberto Sena, no Jornal A Tarde em outubro de 1980, a chegança chegou a Saubara no século XVIII, provavelmente antecedendo as rebeliões de escravos islamizados no século seguinte em Salvador. Segundo o pesquisador João José Reis, em seu livro *Rebelião Escrava no Brasil*, em 1807 houve uma rebelião que foi sufocada por um dos inimigos mais ferrenhos dos quilombos: João de Saldanha da Gama e Torres Guedes de Brito, o Conde da Ponte, Governador e capitão general da Capitania da Bahia.

É de suma importância as manifestações culturais regionais e nacionais, para a construção e reconstrução da identidade das crianças e jovens negros, uma vez que a cultura de massas impõe, em grande parte, valores culturais exógenos, sem que os mesmos tenham sedimentado os

valores culturais da sua região e nação. A importância dessa manifestação para a identidade cultural das crianças e jovens saubarenses é prioritária, pois junto com a marujada Fragata Brasileira são os únicos baluartes do rico patrimônio cultural que Saubara possuiu e que se mantém até os dias atuais. Se a cultura popular brasileira fizesse parte do ensino fundamental, o halloweem não teria sido tão valorizado na escola brasileira. E o que é mais incrível é que esse “enlatado” não só invadiu as escolas de ensino fundamental e médio, mas também a Universidade. Assisti em 2002 uma festa de estudantes da Faculdade de Educação da UFBA, cujo tema era o halloweem.

A resistência dos jovens com relação ao exercício das manifestações populares tradicionais, em se tratando do contexto de escolas públicas, onde a minha experiência é maior, na minha percepção, tem uma relação direta com a rejeição da sua classe social. Eles percebem que tais manifestações são exercitadas na maioria das vezes pelas classes subalternas, formadas predominantemente por pessoas negras, à qual eles pertencem, porém não aceitam pertencer. Tais manifestações dão visibilidade à sua classe: por exemplo, os ternos de reis, onde as mocinhas que representam as ciganas são escolhidas entre as de pele mais claras enquanto àquelas de pele mais escuras são reservados os papéis de pastoras e são posicionadas muitas vezes na parte final do cortejo. Nos seus sub-conscientes eles não querem preservar o que rejeitam, o que querem esquecer. Optam então pelo hap, o rock, o reggae, que eles talvez ignorem que são também manifestações de origem negra. As cheganças, o congo, o ticumbí, o moçambique, os ternos-de-reis, a dança de São Gonçalo, o bumba-meu-boi, tudo isso pode trazer-lhes reminiscências da origem escrava.

Essa preocupação pela preservação do patrimônio folclórico em troca da adoção de novas maneiras de pensar, agir e sentir em alguns centros urbanos nordestinos mais acessíveis ao impacto da civilização industrial, aparece na obra de Theo Brandão, *Folgedos Natalinos de Alagoas*, 1907:

Foi um impacto, por exemplo que São Paulo, o mais progressista dos Estados da Federação, mais sujeito, por isso, aos mais variados e intensos contatos culturais, não possuía mais folclore, naturalmente em definitivo desaparecido diante da descaracterização da civilização industrial. Era de tal monta o preconceito, que um mestre esclarecido, e poderia dizer quase clarividente como Mário de Andrade, deixou de lado sua terra e veio excursionar no Nordeste no afã de recolher o farto material que o esforço e dedicação de sua digna discípula Oneyda Alvarenga nos vem brindando com a publicação que da sua obra pessoal – *Danças Dramáticas do Brasil*, quer a que ele recolheu ou fez recolher pela Discoteca Municipal de São Paulo (Brandão, 1907, p.40).

É óbvio que toda cultura se renova e é enriquecida com elementos de outras expressões culturais, porém devemos ter o cuidado para que os valores exógenos não sejam priorizados em detrimento dos valores regionais e nacionais, especialmente nas escolas. É também nesta que as nossas crianças e jovens devem aprender a preservar e respeitar os valores tradicionais, transmitidos por nossos ancestrais.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. *Danças Dramáticas no Brasil*, 2ª edição. B. Horizonte: Itatiaia, Brasília, 1982.

ARAÚJO, Alceu Maynard. *Folclore Nacional*, Vol.1: festas, bailados, mitos e lendas. (2a.Ed.) São Paulo, Ed. Melhoramentos, 1967.

ARAÚJO, Nelson de. Pequenos Mundos – um panorama da cultura popular da Bahia. Salvador. Fundação Casa de Jorge Amado/UFBA, 1986.

ARENDDT, H. O que é a liberdade? In: Entre o Passado e o Futuro, São Paulo: Perspectiva, 1979.

BRANDÃO, Téo. Seis contos populares do Brasil. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Folclore; Maceió, Universidade Federal de Alagoas, 1982.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SODRÉ, Muniz A. Claros e escuros - identidade, povo e mídia no Brasil, Petrópolis, Vozes, 1999.

SANTOS, Juana Elbein. O Emocional Lúdico. Salvador. Edições SECNEB, 2002.